

Saudades do Brasil de Richard Morse¹

Helena Bomeny²

Encontrei Richard Morse em uma conjuntura de entendimento e reconciliação. O historiador norte-americano morava em Washington, e eu, circunstancialmente, em Stanford, Califórnia. Beneficiada por uma bolsa Fulbright, desfrutei um ano da Stanford University, na pequena Bolívar House que acolhia professores e pesquisadores latino-americanos. Entre setembro de 1987 e setembro de 1988 tive a oportunidade de aproveitar o máximo do silêncio, do conforto e do sossego da biblioteca inigualável disponível naquele campus. Antes, no entanto, ainda no Brasil, eu havia tentado, mais de uma vez, sem sucesso, ler *O Espelho de Próspero*. Por alguma razão, não conseguia atravessar o livro. O angustiante era acompanhar o entusiasmo de pessoas próximas, a quem eu considerava, por aquela que foi uma obra publicada originalmente no México, em 1982, e no Brasil em 1988. Não havia sido permitida a publicação nos Estados Unidos, terra de Morse. Teria sido o sossego da biblioteca ou minha vivência pessoal do contraste impressionante que eu percebia entre as culturas dos americanos do Norte e dos americanos do Sul que me levou ao *Espelho* de forma inteiramente diferente? Acho que posso apostar no contraste entre as culturas...

Do contraste acentuado vi minha sensibilidade aflorar para um tipo de percepção antes desconhecida. Falar dela reflexivamente foi a entrada que

¹ Texto escrito para a mesa “Further New World Soundings: Brazilians, North Americans and Richard Morse’s Mirror”, coordenada por Peter L. Blasenheim, Colorado College e comentada por Jeffrey Needell, University of Florida. Congresso BRASA IX, New Orleans, 27, 28 e 29 de Março de 2008.

² Pesquisadora do CPDOC/Fundação Getúlio Vargas e Professora de Sociologia da UERJ/PPCIS-DPCIS.

precisava para o que veio depois. Foi quando voltei ao *Espelho*, e vi ali exposta a perplexidade que eu própria intuía sem saber muito como identificar. Morse expressava em texto erudito, de nem sempre fácil compreensão, os sentimentos que eu própria experimentava, desordenados, desconexos, fortes, mas sem qualquer elaboração. O que havia naquela cultura que despertava a intuição do historiador, e que nos obrigava a olhar o Brasil de longe com olhos mais de perto? Mais compreensivos. Mais tolerantes? Essas impressões foram ganhando corpo e musculatura nos encontros e caminhadas diárias por aquele espaço aprazível do campus com Mauricio Tenório – o jovem historiador talentoso por quem Morse, na minha presença, mais de uma vez, manifestou grande admiração.

Meu tempo em Stanford era dedicado à pesquisa de doutorado sobre intelectuais e literatos da primeira geração modernista de Minas Gerais. O poeta Carlos Drummond de Andrade era um dos personagens, em grande medida, protagonista da trama que eu cuidava de traçar. Estava convencida de que os intelectuais de Minas Gerais teriam muito a dizer sobre a maneira como se conformou o Estado brasileiro, e particularmente, a política cultural do país do pós-1930. Eu apostava, portanto, na possibilidade de pensar a política pelo viés da literatura, ou entender o Brasil pela fonte literária. A viagem pelos modernistas mineiros me levou necessariamente ao contato com o modernista paulista, Mário de Andrade. No exercício da aproximação pude ver que a noção e a percepção do moderno variam tanto quanto possam variar as orientações intelectuais. O capítulo onde estabeleço a conversa entre os Andrades – Carlos Drummond e Mário – é ilustrativo do que considerei possível apreciar nessas distinções. As inquietações estavam assim balizadas nesse campo, aberto ou interdito, de incorporação de

fontes não usuais ou de autorização metodológica para tal incorporação. O encontro com Mauricio Tenório foi mais que prazeroso, também nesta nota.

Muito da interlocução com Mauricio Tenório passava pelas delimitações de fronteiras da história com outros campos de conhecimento. A relação entre história e ciências sociais, especialmente a sociologia e a relação entre história e literatura – traduzida na dimensão de narrativa própria ao discurso histórico e ao discurso ficcional – animavam as caminhadas pelo campus. Eu ouvia com inquebrável interesse as lições de Mauricio. Afinal, minha intenção de pesquisa se beneficiava diretamente com as revelações a que ia tendo acesso. Eu tinha um problema de pensar o Brasil por um movimento literário; e de tomar um literato (o poeta) como um dos interlocutores autorizados para tais emulações... Não foi difícil trazer Richard Morse para nosso convívio intelectual. Começou a fazer parte da conversa até o ponto em que Mauricio e eu decidimos tentar o contato em Washington para onde fui conhecê-lo pessoalmente e entrevistá-lo. Era abril de 1988.

A preocupação em definir o campo próprio das disciplinas é considerada um legado do século XIX, e um resultado da especialização do trabalho intelectual. Este esforço classificador foi responsável por um volume significativo da produção intelectual que se detém no estabelecimento do que é particular e próprio de cada área de conhecimento. Poder-se-ia dizer que o empenho na definição de fronteiras pode ser comparável ao projeto de estruturar a “identidade” de cada um dos campos particulares em pelo menos duas dimensões. De um lado, sugere o conhecimento do que é singular com vistas à possível e desejada colaboração com o que é “diferente”, ou seja, próprio de outro campo. A posição de Fernand Braudel a respeito do intercâmbio entre história e sociologia pode ser exemplo desta primeira posição, e a afirmação de Jacques Le Goff de que a noção de

“multiplicidade do tempo”, até então tratado de forma linear como fazia a história tradicional - legado da sociologia à História Nova – mais um exemplo que fortalece o projeto da relação de comunicação e interação inter-disciplinas. Nada disso era ou é consensual, menos ainda pacífico na aceitação pelos profissionais de cada campo. Ao lado de posições mais ousadas na direção da quebra de fronteiras, convivem manifestações mais puristas de afirmação da especificidade do campo intelectual/disciplinar; da impropriedade de cruzamentos em nome do prevailecimento do “rigor disciplinar”.³ Os mais rigorosos teóricos da sociologia insistem na distinção entre as duas disciplinas atribuindo à sociologia a capacidade de abstração, de estabelecimento de leis, de formulação de modelos, dimensões que não eram exigidas na mesma proporção do ofício do historiador. Tomar contato com essa discussão fortalecia a impressão de que transigência ou incomunicabilidade entre identidades intelectuais (profissionais) distintas acabava sendo um caminho fecundo à compreensão da natureza particular de cada um dos “ofícios”. Falar da mistura podia se transformar em vereda construtiva de pensar sobre o próprio lugar. Em que consiste o trabalho do historiador? Com que materiais e de que maneira trabalha o historiador? Que benefícios seria possível advir da colaboração rotineira entre história e sociologia, história e economia, história e demografia, história e antropologia, história e literatura?

De cada lado – dos historiadores e dos sociólogos – é possível vislumbrar um inventário representativo que inclui tanto os que resistem a qualquer forma de indistinção, ou seja, definem com rigor a conversa possível e o limite do intransponível até os que não conseguem precisar com muita nitidez o que constitui o campo da sociologia, se separado do fundamento que só a história lhe dá. Os

³ O debate a respeito das fronteiras ocupa largamente a produção intelectual em todos os campos disciplinares. Na Sociologia a referência constante é o livro de Wolf Lepenies. 1988. *Between Literature and Science: The Rise of Sociology*. Translation by R. J. Hollingdale (Cambridge: Cambridge University Press)

sociólogos preciosistas chegam a estabelecer o que seria a linha básica de conformação das distintas identidades com o argumento de que a história não se constitui pela teoria, mas ao contrário, define-se pelo método. A sociologia, ao inverso, deve primar pelo rigor conceitual, pela lógica interna entre os conceitos, pela construção abstrata de modelos, pela formulação do campo através da teoria.

Todo esse emaranhado de discussões conduzia ao historiador norte-americano. O contato e a ida a Washington para a entrevista foram decorrências naturais de cumplicidade que se afinou com o tempo de convivência que nasceu ali, e que permaneceu até que Richard Morse tenha se combalido de vez. A entrevista foi publicada no número 3 da revista *Estudos Históricos*, do CPDOC da Fundação Getúlio Vargas e em 1991 na revista *Secuencia*, do Instituto Mora, México⁴. O convite à celebração de Morse em uma mesa especial neste congresso da BRASA – e a própria contingência da celebração – levaram-me de volta a esse episódio da percepção distinta que tive da leitura da obra que mais o identifica: *O Espelho de Próspero*. Fez muita diferença lê-lo no Brasil e na Anglo-América de Richard Morse. E trouxeram-me, com força avassaladora, os sentimentos experimentados naquele tempo, naquele lugar e nas companhias tão especialmente raras de Richard Morse e Mauricio Tenório.

O espelho que desafia imagens

...para as elites crioulas da América Latina, educadas conforme os padrões ocidentais e tendo dificuldade de aceitar que sua identidade nacional radicasse nos índios, negros e mulatos, bárbaros são os que estão dentro da sua terra, é seu próprio povo.

⁴ A entrevista foi editada por Mauricio Tenório e publicada com o título “La historia como vocación. Entrevista a Richard M. Morse”, Helena Maria Bousquet Bomeny. *Secuencia*, Num.19, enero-abril de 1991, Instituto Mora, México.

*Armando de Melo Lisboa*⁵

O Espelho de Próspero é definitivamente o livro com que Richard Morse é identificado no Brasil. Não é um livro que fale diretamente do Brasil – embora o país esteja ali incluído e sugerido – e tampouco é a obra onde Morse deixa registradas suas mais fortes impressões a respeito do que encontrou em sua vinda e do que desfrutou humana e intelectualmente em sua convivência no Brasil. Mas é compreensível que assim seja. Trata-se de uma provocação em muitos sentidos. Provocação à elite – como bem sumarizou Armando de Melo Lisboa (Lisboa, 2006) – por impor, na contramão de um costume cultivado, uma nova maneira de olhar sua própria condição, ou a condição de seu lugar. Aproximar-se dos países considerados modernos, França, Inglaterra e Estados Unidos, tomando sua legislação como referência e orientação para as realidades locais era uma maneira de se distanciar da tradição cultural ibérica, esta sim, marcada pelo atraso, barbarismo, irracionalidade. O americanismo que germinou aqui e que inspirou escritas clássicas do pensamento social brasileiro está fortemente conectado com essa disposição, e bastante sintonizada com anseios de uma elite local receptora do argumento de modernidade construído sobre tais modelos, e temerosa dos destinos do Brasil enfeixados e circunscritos a costumes e procedimentos não recomendáveis.

O Espelho foi também provocativo para a comunidade acadêmica. Embora não tenha sido inovador no sentido de trazer uma discussão sobre nossa condição distinta de um ideal civilizatório – debate praticamente constitutivo da formação da

⁵ Armando Melo Lisboa, “Desenterrando o Espelho. A construção da Identidade Latino-Americana”. *Persona*. Revista IberoAmericana de Personalismo Comunitário. Publicación Cuatrimestral. Número 3, Año I, Diciembre 2006, p.1.

intelectualidade brasileira em tempos muito anteriores à chegada de Morse – o livro provocou a manifestação de posições favoráveis à perspectiva nele contida, e, com bastante força, também o seu contrário. Movimentação instigante para a eclosão de outras tantas reflexões.

O argumento de *O Espelho de Próspero* que mais se difundiu no Brasil – a inversão da bússola que orienta a proximidade ou a distância da civilização – deu origem à polêmica entre Simon Schwartzman e Richard Morse registrada em publicações, no final dos anos 1980. Não tardaram as reações subseqüentes referenciadas ao debate entre os dois. Os destaques vão para os textos de Lucia Lippi Oliveira, Otávio Velho, Luis Werneck Vianna, José Murilo de Carvalho, Felipe Arocena e José Guilherme Merquior.⁶ No centro, as possíveis e nunca consensuais leituras do Brasil. Condenados à incivilidade? Redimidos pela sensibilidade? Demasiado ibéricos? Sem chance de alcançar o modelo racional à feição anglo-americana? Iberismo e americanismo renovaram a produção intelectual, provocada agora por Richard Morse, mas de lastro mais antigo na tradição do pensamento social brasileiro. Sérgio Buarque de Holanda havia traçado as linhas nas quais percorreriam outras interpretações afinadas. Seu traçado é tributário da condenação à herança ibérica. Raymundo Faoro a fortalecia com a tese sobre a marca indelével da herança ibérica a nos impossibilitar o acesso a uma sociedade universalista em seus procedimentos, menos personalista no trato, menos hierarquizada nos processos de distribuição de benefícios, mais avançada em relação aos direitos civis, menos conflitiva, enfim, uma sociedade onde o individualismo, aos trancos e

⁶ A tese de *O Espelho de Próspero* gerou a polêmica registrada nos artigos de Simon Schwartzman e nas respostas de Richard Morse publicadas em *Novos Estudos Cebrap*, n.22 (outubro de 1988); n.24 (julho de 1989) e no n.25 (1989). A polêmica iniciada por *Novos Estudos Cebrap* teve desdobramentos. Otávio Velho, “O espelho de Morse e outros espelhos” (*Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989); José Guilherme Merquior, “O outro Ocidente”; Felipe Arocena, “Ariel, Caliban e Próspero: notas sobre a cultura latino-americana”, ambas em *Presença*, Revista de Política e Cultura, n. 15, abril de 1990; José Murilo de Carvalho, “A saga de um brasilianista nos trópicos”. *Jornal do Brasil*, 21 de Julho de 1990; Lucia Lippi Oliveira, “Anotações sobre um debate”. *Presença*, n.16, abril de 1991.

barrancos, falhou em controlar os embaraços que o autoritarismo cuidava de prolongar pela via estatizante e pouco participativa. O final dos anos 80 significava, além de tudo, a redemocratização do país, depois dos longos 25 anos de regime militar, de restrição à liberdade e aos direitos, de recrudescimento do centralismo e da proliferação do que a literatura classificou como entulho burocrático - uma Via Crucis desafiando a imaginação intelectual. Contra a corrente, o livro de Richard Morse, aqui publicado pela Companhia das Letras, em 1988.

O *Espelho* de Morse acabou sendo visto por uns como um fascinante estudo comparativo entre as duas Américas – a Ibérica e a Anglo-Saxônica – as duas matrizes que conceberam idéias e projetos de homem e sociedade, de relações e instituição do poder em muitos aspectos, irreconciliáveis. Morse vinha do século XII, passando pelo marxismo nos países latino-americanos, retomando seu interesse pela cidade moderna e cruzando-o com os poetas. Trazia a literatura como fonte de interpretação sem qualquer escrúpulo ou interdição metodológica. Erudição, intuição e imaginação eram as ferramentas de que dispunha o historiador. A veemente reação de Schwartzman sinalizava outra direção. Chamava a atenção para o “perigo” contido nos argumentos defendidos por Morse. Um véu a embaçar, pela sedução, a crueza da realidade brasileira, irracional, autoritária, personalista e inclinada ao favoritismo distante do ideal de vida participativa e de procedimentos universalistas e igualitários.

Acompanhei as reações intelectuais de uma posição singular. Próxima dos protagonistas – Simon Schwartzman e Richard Morse – impressionava-me a virulência dos argumentos, a emoção extravasada, a sensação combalida provocada pelos termos do combate. Impressionava-me, sobretudo, o fato de estar diante de dois intelectuais para quem a matriz teórica weberiana, mais do que

formalidade, era uma eleição para a compreensão dos objetos e fenômenos cujas trajetórias ambos decidiram percorrer. Em entrevista que me concedeu para *Estudos Históricos*, Morse deixa clara sua inclinação e seu interesse pelos temas da cultura e deixa pistas para declarações posteriores que fez, na mesma entrevista, sobre o rendimento mais interessante que Weber lhe oferecia, em vez das sugestões de Marx. Seu interesse de vida inteira era chegar à mentalidade das pessoas – e pouco a pouco foi se aproximando das sugestões da sociologia compreensiva de Max Weber. *Quanto a Weber, acho que sua presença no meu trabalho ainda é vital*, resumiu no depoimento à revista do CPDOC. Vitalidade que o cruzamento com a literatura pode esclarecer. É possível que a sociologia compreensiva lhe tenha aberto a porta para incorporar entre seus achados aqueles cujas portas lhe foram abertas pela literatura. Que fonte poderia ser mais preciosa para o entendimento da alma?

A aproximação de Morse com São Paulo e a maneira como foi capturado pelo diálogo com os literatos são por ele descritas assim:

*Enquanto escrevia meu livro, Formação histórica de São Paulo. Da comunidade à metrópole, li antropólogos como Robert Redfield, que se preocupavam igualmente com a polaridade comunidade/sociedade, clássica desde Durkheim. No entanto, minha idéia não era fazer uma história linear das cidades, passando de um tipo ideal para outro, e sim indicar na metrópole atual o potencial de restauração da noção de comunidade, de uma maneira muito mais complexa e pluralista. O caminho que escolhi para tratar da história da cidade de São Paulo foi portanto identificar alguns momentos culturais importantes e tentar perceber a mentalidade das pessoas. O primeiro momento muito importante para mim foi o do estabelecimento da Academia de Direito, com a publicação das primeiras revistas etc. Depois o momento do romantismo, exemplificado por Álvares de Azevedo e seguido de um segundo capítulo, quando Castro Alves veio para a Faculdade de Direito. Em seguida o momento de 1890, a Belle Époque, e finalmente o momento do modernismo. Os capítulos do meu livro seguem um pouco essa ordem, e para estabelecê-la foram fundamentais as “dicas” de Antônio Cândido.*⁷

⁷ *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989, p.77-93.

Fartamente documentado na literatura brasileira, o encontro de Morse com a geração de intelectuais paulistas foi definitivo e prolongado até que o amigo americano não mais pudesse vir ao Brasil. Antônio Cândido, Sérgio Buarque de Holanda, Florestan Fernandes foram os que primeiro sinalizaram para o visitante que o Brasil o receberia e que São Paulo, pelos intelectuais seus embaixadores, acolheria sua interpretação sobre a cidade e o país. As possibilidades eram muitas porque a receita incluía poesia, prosa, ficção e ensaio – fontes preferenciais para tocar sua obsessão: chegar à “mentalidade das pessoas” repetia Richard Morse a cada vez que o indagavam sobre o que mais o mobilizava intelectualmente.

Simon Schwartzman também navegara pelo mesmo objeto de pesquisa. São Paulo havia inspirado ao sociólogo sua tese sobre o autoritarismo brasileiro, defendendo a idéia de que, no Brasil, economia e política não andavam visivelmente de mãos dadas. Certa autonomia do político à moda weberiana estava já contemplada ali. São Paulo, centro econômico pungente, mais desenvolvido, com mercado e economia mais próspera, tivera espaço menos decisivo na condução do Estado Nacional. A tese estava refletida no título original do livro que lhe seguiu: *São Paulo e o Estado Nacional*. Posteriormente, nova edição de 1982 traduzia mais fielmente o que se esboçou no primeiro volume: *Bases do autoritarismo brasileiro*.⁸ Curiosamente, o mesmo ano de 1982 quando Morse publicava o *Espelho de Próspero*, no México, sinalizando a inversão sugerida na interpretação do atraso latino-americano, Schwartzman acentuara que para bem compreender os determinantes da história do Brasil era preciso considerar a complexidade de um sistema político que articulava clivagens regionais de poder com um centro político

⁸ Simon Schwartzman. *São Paulo e o Estado Nacional*. São Paulo, DIFEL, 1975; Simon Schwartzman. *Bases do autoritarismo brasileiro*. Rio de Janeiro, Editora Campus, 1982.

e administrativo em processo de centralização galopante a partir de 1930. E o peso da herança ibérica estava ali com todo o seu vigor na retomada que fez dos *insights* de Raymundo Faoro e do conceito weberiano de patrimonialismo.

O fato de o livro não ter sido aceito para publicação nos Estados Unidos foi compreendido por Morse na chave não racional. Indagado sobre por que seu país havia recusado sua interpretação da cultura norte-americana e de outros países considerados menos avançados, Morse não hesitou em justificar que não se tratava exatamente de um problema político, mas sentimental.

*Você pode publicar um livro aqui [nos Estados Unidos] dizendo que a América Latina tem uma grande cultura, mas quando você diz que essa cultura talvez seja mais interessante, quando você a usa como um espelho para criticar a cultura norte-americana, isso fica realmente difícil de entender para os americanos. Porque eles têm uma visão evolucionista da história, pensam que os Estados Unidos evoluíram muito e que a questão é como fazer para ensinar a América Latina a ser civilizada.*⁹

Para os brasileiros, o estranho seria reconhecer e autorizar a interpretação morseana. Uma cultura marcada por tantas limitações e mazelas recebia o selo de “interessante”, novo, promissor, capaz de escapar dos efeitos devastadores dos processos da racionalização instrumental. Antropologicamente é como se Morse pretendesse dar voz aos “nativos” com a metáfora do espelho onde os latino-americanos e caribenhos só se viam pelas lentes refletidas dos outros. Sabido de muitos, e recolocado por Octavio Ianni, “A metáfora “espelho de Próspero” inspirada nos escritos de José Enrique Rodó no início do século 20, alude a Próspero, conquistador e colonizador, europeu ou norte-americano, no contraponto com Caliban, transfiguração de canibal, nativo, conquistado, colonizado...”¹⁰. Essa foi a

⁹ *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989, p.77-93.

¹⁰ Octávio Ianni, “Enigmas do pensamento latino-americano”. Texto disponível em www.iea.usp.br/artigos.

metáfora recuperada por Richard Morse, mas não só por ele, reforçando sua pertinência como leitora possível das contingências mais ilustrativas do processo sempre inconcluso de definição e construção de nossas identidades, nosso projeto de nação, nossas maneiras de ser. E à indagação freqüente sobre as situações tão precárias dos países aos quais se referia em sua análise, ele contrapunha com o próprio exemplo dos Estados Unidos:

*Sim, mas é preciso entender que a resolução de problemas não esgota a questão da cultura, que é uma coisa quase autônoma, que tem sua vida própria. Digamos que os Estados Unidos já resolveram todos os seus problemas: o racismo diminuiu, ganhamos as duas guerras mundiais, praticamente solucionamos os problemas de pobreza, escolaridade etc. (é bem verdade que surgem outros, como a AIDS ou as drogas). Mas isso não impede que a cultura americana - sempre falo em cultura em termos de mentalidades, como dizem os franceses - seja um pouco paroquial, um pouco provinciana.*¹¹

O que Morse está sugerindo é que o espelho do civilizado está turvo, também incompleto em seu paroquialismo. Talvez insista nesse ponto para fazer mais bem compreendida sua tese de que o mundo ibérico pode ser superior ao anglo-saxão. O tomismo pode não ser a fórmula ideal, defende o historiador em o *Espelho*, mas pode trazer mais vantagens humanas em flexibilidade e possibilidade de interação do que o atomismo da cultura moderna., leia-se, da cultura intransigente que vigorou na América do Norte. E como claramente pontuou Lisboa, retomando o argumento de Lucia Lippi Oliveira: “apesar do brilhantismo do argumento do brasilianista, restava sempre “um riso irônico diante daquele norte-americano a nos dizer que aqui estaria ‘o segredo da vida’. Era como o rico falar que bom é ser pobre “¹²

¹¹ *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989, p.77-93.

¹² Armando de Melo Lisboa, op.cit., p.10. O texto de Lucia Lippi Oliveira, “Males da herança ibérica” foi publicado no Jornal do Brasil, Idéias, 18.08 de 2001.

O Brasil de Richard Morse

A literatura foi fonte preferencial de entendimento da cultura dos povos, disse mais de uma vez e em mais de um lugar nosso historiador literato. No Brasil não foi diferente. Mesmo na fase inicial de sua imersão nos estudos brasileiros, Morse veria São Paulo pelo lado menos “urbano” como o que impressionou Georg Simmel em seu clássico texto sobre metrópole e vida mental. No caso de Morse, justamente ao contrário, o que o fascinou foi o contraste com as situações mais usuais de grandes cidades. “O que me impressionou em São Paulo foi que todas ou quase todas essas pessoas que mencionei se conheciam, conheciam a obra um do outro, formavam uma espécie de comunidade”. Impressionava-lhe o sentido comunitário – o contraponto mais nítido à solidão americana magistralmente expressa na pintura de Edward Hopper. Richard Morse teve esta experiência de comunidade em poucos momentos de sua trajetória acadêmica nos Estados Unidos. O isolamento foi a condição sentida por ele, e um traço percebido também por outros membros da comunidade de historiadores de seu país quando a ele se referiam. A ligação entre aquele grupo de intelectuais paulistas o impressionou vivamente, desde a chegada ao Brasil em 1946. Tocou-o a ponto de se transformar em um refrão que repetia em inúmeros depoimentos que deu ao longo da vida.

Em outra nota também a vinda ao Brasil confirmou-lhe a mudança de orientação. Dos estudos sobre as cidades, dos estudos urbanos, da percepção dos conflitos, das questões sociais implicadas na vida das cidades passaria a outra dimensão. “Optei” – confessava ele – “por uma orientação mais culturalista, sem dar muita atenção à dialética da história. Procurei pensar as cidades a partir dos

momentos em que se poderia perceber a experiência da comunidade. Busquei aqueles momentos ricos de promessas, muito mais do que os determinantes históricos”. Leu, digeriu, comparou, traçou paralelos e diálogos imaginários entre Mário de Andrade, Oswald de Andrade e seus poetas americanos de eleição, T. S. Eliot e Williams Carlos Williams. Via no encantamento de Macunaíma a resistência à racionalização – a alternativa à jaula de ferro e à frieza do interesse prevalecendo sobre a afeição, como identificava em seu país.

O Brasil de Richard Morse foi o Brasil cantado, chorado, imaginado e criticado pelos literatos; sobretudo, sentido e interpretado pelos literatos. Via nas inquietações permanentes – de resto extensivas à América Latina – do “quem somos, o que somos, para onde vamos e como nos movimentaremos” a vitalidade de cultura que se angustia por ter a bússola orientada para o futuro. A incompletude vista como vida; o inconcluso como processo e não como fracasso. Como tônus vital; como energia. Era literatura mas era sociologia. “Cândido foi especialmente importante para mim devido ao seu talento em combinar interpretações literárias e sociológicas. Lá naquela época, embora estivesse na sua fase mais sociológica, era reconhecido por alguns como o crítico literário mais brilhante e mais promissor do Brasil” – reconhecia na entrevista que concedeu a *Estudos Históricos*. Era assim uma visão ou um conhecimento sociológico que pretendia ter do Brasil pelo viés da literatura, da sensibilidade poética. Por esta razão batizei o texto que, em outra ocasião, escrevi em sua homenagem: “Duas poéticas sobre o Brasil”.¹³ Duas poéticas que abriam visões distintas de um país, se visto por uma ou por outra. Os mineiros com a contribuição decisiva na formulação e institucionalização de padrões e procedimentos organizacionais e políticos na

¹³ Bomeny, Helena. “Duas poéticas sobre Brasil”. *Luso-Brazilian Review*, Winter 1995, vol. 32., n.2, Board of Regents of the University of Wisconsin System, p.1-13. Ver também, Bomeny, Helena, “Morse, um historiador literato”. *Novos Estudos CEBRAP*. São Paulo, n.42, Julho de 1995, p.149-160.

inspiração do racionalismo que impregnara a geração dos modernistas literatos; os paulistas de Morse com a sugestão de uma Paulicéia desvairada – racional em desvario; racional e incontrolada. A contenção mineira como contraponto exemplar da incontidência paulista dos exemplares andradianos eleitos e pinçados por Morse com as figuras de Mário e Oswald de Andrade. Eleitos e seletos porque inibiam a entrada de outros personagens, também paulistas, que pudessem macular tal fascinante experimento.

Não foi o Brasil quem lhe abriu tal perspectiva de análise e de compreensão da cultura. Suas referências e influências estão citadas em seus textos e na entrevista que nos concedeu:

*...influência de Tate e Blackmur. Havia também um professor espanhol, Augusto Centeno, que era heterodoxo e me abriu os olhos para García Lorca, San Juan de La Cruz, Ricardo Güiraldes, figuras muito importantes tanto da cultura hispânica como da América Latina. Ele tinha uma visão da Espanha como tendo realmente uma civilização que valia a pena, e sabia explicar por que e como através da literatura. Também estava lá Américo Castro, o grande homem da geração de 98 da Espanha... O fato é que, junto com alguns amigos, inventei uma pequena comunidade dentro da universidade. Não era uma coisa pré-existente, como em São Paulo, onde qualquer aluno daquela época podia identificar as figuras que tenho mencionado. E isso se repetiu na Universidade de Columbia, que era uma universidade enorme, onde era preciso saber fabricar uma comunidade passageira entre certas pessoas...*¹⁴

Em passagem menos profunda como a que foi por São Paulo, Morse capturaria do Rio de Janeiro referências antropológica – com Gilberto Freyre –; poética – com Manuel Bandeira –; além do diálogo filosófico sobre as questões da Igreja e sobre as possíveis interpretações do modernismo com Alceu Amoroso Lima (o Tristão de Athayde de depois). Naturalmente que tudo isso recheado com os documentos da Biblioteca Nacional. Mas o Rio não o marcou pelo comunitarismo: a

¹⁴ *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989, p.77-93.

“terra era de personalidades”, declararia certo. Uma sensibilidade que ainda hoje pode provocar nossa imaginação na distinção entre os dois centros de cultura no Brasil. Seria a cidade do Rio de Janeiro vítima de si própria? Voltada para o centro do poder por ser capital do país não teria se distanciado de si, da necessidade de agregação e associação em sua própria defesa e das instituições que nela se formaram? Panos para conversa ainda provocativa que reteve a atenção de muitos cientistas sociais em debate longo, e um número razoável de publicações a respeito.¹⁵

A reação ao Brasil de Morse poderia vir na mesma corrente que dera sustentação à análise crítica de *O Espelho*. Quanto os literatos, a poesia, o romance e a ficção podem revelar de um país, de uma sociedade? O que podem essas fontes mais subjetivas mascarar ou evitar quando os símbolos são mais sedutores e persuasivos que os dados? É possível interpretar uma sociedade pela literatura? Recentemente, Silvano Santiago volta ao tema propondo como título de seu ensaio “Mário, Oswald e Carlos, intérpretes do Brasil”.¹⁶ Suas indagações estão diretamente ligadas aos pontos que construíram estas notas. Reproduzo o parágrafo inicial do texto de Santiago, embora extenso, pela clareza com que propõe suas indagações e as sugestões que estão ali contidas do cruzamento entre ciências sociais e literatura que me interessa mais de perto apreciar:

¹⁵ O debate se estendeu e ainda repercute na comunidade acadêmica. Um bom começo ao percurso pode ser indicado assim: Sérgio Miceli, “Condicionantes do desenvolvimento das ciências sociais no Brasil (1930/1964). *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. São Paulo, 2(5): outubro/1987; Sérgio Miceli (org). *História das Ciências Sociais no Brasil*. São Paulo, Vértice/IDESP, 1989; Lúcia Lippi Oliveira, “Donald Pierson e a sociologia no Brasil”, *BIB*, Rio de Janeiro, n.23:35-48, 1987; Maria Isaura Pereira de Queiroz, “Desenvolvimento das ciências sociais da América Latina e contribuição européia: o caso brasileiro”, *Ciência e Cultura*, São Paulo, 41(4):378-388, abril/1989; Helena Bomeny e Patricia Birman (org). *As assim chamadas Ciências Sociais. Formação do cientista social no Brasil*. Rio de Janeiro, UERJ/Relume Dumará, 1991; Andréa Moraes Alves, “Sociologia e ‘Clima’: Dois caminhos, um debate”. Departamento de Ciências Sociais, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (monografia de conclusão de curso de graduação em ciências sociais), 1991.

¹⁶ Silvano Santiago, “Mário, Oswald e Carlos, intérpretes do Brasil”. *Alceu*, v.5, n.10, p.5 a 17, jan/jun, 2005.

Mário de Andrade, Oswald de Andrade e Carlos Drummond de Andrade, alguns dos nossos grandes escritores modernistas, poderiam ser também considerados intérpretes do Brasil? Teriam apresentado à sociedade letrada brasileira – desde os anos 1920, década em que acordaram para a literatura – interpretações originais da nação e dos brasileiros? Teriam sido precursores dos cientistas sociais, que, nas décadas de 1930 e 1940, nos ofereceram as interpretações do Brasil que se tornaram canônicas? A contribuição de Gilberto Freyre, em Casa-grande e Senzala, já estaria fragmentada e esparsa nos escritos de Mário de Andrade? O Sérgio Buarque de Holanda, de Raízes do Brasil, estaria em parte embutido em Oswald de Andrade? O Caio Prado Júnior, de Formação do Brasil Contemporâneo, estaria poeticamente previsto na visão de Brasil que Carlos Drummond elabora na juventude, e posteriormente, em O sentimento do mundo? Nas obras que nos legaram, encontramos subsídios que mostram a vontade de mudar para melhor o país atrasado, então governado pela República dos coronéis? Em suma, há uma crítica e um novo projeto de Brasil nas palavras e nas polêmicas dos nossos primeiros escritores modernistas?

A ambição de Silviano Santiago é bem maior. Além de defender a tese embutida em todas as indagações – sim, conclui, foram eles intérpretes do Brasil – Silviano amplia o leque atribuindo a um conjunto muito mais amplo a autoridade de fazê-lo. Abre as portas, como diz, para que “entre, no recinto deste colóquio, um vento democrático e, por isso, igualitário” dando palavra e voz a “todos nós, cidadãos brasileiros, intérpretes do Brasil”. Ler o Brasil, interpretar o país é tarefa diária, “um pacote coletivo de tarefas que cada um de nós traz para a sua vida diária, a fim de suplementá-la de modo inteligente e reflexivo”. (Santiago, 2005:8)

Saudades do Brasil de Richard Morse

O ponto fundamental é que a criatividade humana continua em qualquer circunstância. É esta visão "civilizacional" que estou procurando, não uma visão de conjunturas.

Richard Morse

Como seria a vinda ao Brasil atual de um “intérprete” – agora autorizado por Silvano Santiago – como Richard Morse? A sociedade brasileira hoje, em muitos sentidos, está mais próxima das utopias dos Andrades paulistas – Mário e Oswald. Uma explosão de grupos, tribos, perspectivas, pontos de cultura, políticas de cultura, manifestações folclóricas e o fenômeno dos sucessos de periferia (intérpretes de cultura da periferia) com espaço na mídia são alguns exemplos do que poderia acontecer quando a sociedade se abrisse para si mesma. E incorporasse sem pudor a multiplicidade de que se constitui. A democratização do país se consolidou nos 23 anos que se seguiram ao final do regime militar. Já temos uma geração que nasceu e se criou sem a referência à restrição da liberdade. O reconhecimento da pluralidade e da diversidade cultural brasileira saiu da toca dos “eleitos”, do discurso fechado da academia e dos intelectuais autorizados e ganhou seu espaço nas frases e ditados do senso comum; a idéia de direitos civis para grupos, minorias e segmentos da sociedade civil desconsiderados ao longo da República é bandeira de um sem número de Organizações Não Governamentais (ONGs), partidos, associações de bairro e também de instâncias do poder público federal identificado há dois mandatos com os ideais do Partido dos Trabalhadores. Os movimentos sociais de distinta extração e portadores de multifacetada agenda de demandas mobilizam-se para pressionar pelo lugar negado aos desprovidos da assistência social e do atendimento público. A escolarização pública foi universalizada: 98% das crianças em idade escolar entram na escola. Estatística de final do século XIX nos países ricos se completa no final do século XX no Brasil – um dos prósperos na imagem invertida do *Espelho* de Morse. Mesmo assim, com todas as ressalvas que especialistas insistem em atualizar: estão todos nas escolas,

mas não aprendem. As escolas não funcionam, os professores não estão preparados, as crianças não conseguem atravessar as dificuldades iniciais da formação básica.

Os efeitos perversos da acelerada e concentrada urbanização brasileira foram sentidos pelo próprio Morse em sua última visita ao Rio de Janeiro. A violência já dava seus sinais de extensão assegurada no final dos anos 80, início dos 90. Ele próprio fora vítima de uma agressão por assalto na Avenida Atlântica – endereço seu conhecido desde 1946. Morse trazia as mãos machucadas. Trazia com elas a tolerância (ou a resignação?) inabalada. “Não é diferente de outros países desenvolvidos” – respondeu quando alguém sugeriu que fosse aos jornais denunciar a agressão. Olhando de hoje, chega a ser poética a sugestão de ir ao jornal. Anestesiados pela freqüência e virulência com que os atos agressivos acometem os nacionais e estrangeiros, os cariocas talvez não dissessem outra coisa ao historiador do que “bom que você está bem”. A reação de Morse ao assalto foi “compreensiva”, mas não ingênua; tolerante, mas não idílica. Sabia dos efeitos do desencantamento, da impessoalização e da racionalização sobre o cotidiano das grandes cidades. E este me parece o ponto sobre o qual repousa sua intervenção. O diagnóstico de que a Paulicéia desvairada de Mário de Andrade é moderna, fala da racionalidade, mas mantém o desvario como escape da racionalização, preserva o encantamento, vinha acompanhado do reconhecimento do quanto causava sofrimento ao modernista seu personagem intérprete dos limites da cultura e de seu país. Macunaíma entristecia Mário de Andrade como o que não se pode controlar mesmo sabendo dos prejuízos que desgovernos comportamentais provocam. A compreensão não é aceitação. É consciência da limitação do esclarecimento sobre

a ação; do racional sobre a emoção; do reflexivo sobre o instintivo. Compreensão filha do ceticismo transmutado em resignação.

O Brasil de Morse foi modelado pela empatia de um ambiente intelectual e de uma sociabilidade acolhedora que encontrou em outros países latino-americanos. O mais duro contraste com sua solidão na terra natal. Nisso também se distinguia tanto dos seus pares norte-americanos quanto de uma geração de cientistas sociais mais comprometidos com a profissionalização e institucionalização dos espaços e métodos de interpretação social e histórica. A resistência talvez fosse menos à profissionalização do que à perda por ela provocada: falta de empatia com os objetos de que tratam muitos dos especialistas. A atitude que se avizinha ao sentimento, ao emocional (e no caso de Morse são categorias plausíveis à sua narrativa) é, mais que tudo, o gosto de conhecer por dentro, em seus próprios termos, a lógica interna do que mobiliza o exercício intelectual. O estudo com paixão – na utopia morseana – sustentado com a informação, com os dados confiáveis e rigor seria a receita da imaginação social e historiográfica. Sem a paixão, talvez retrucasse, sobra a irritação, filha da normatividade e do etnocentrismo.

Olhar a América Latina com irritação é o reforço da anti-utopia morseana. Naqueles anos 80, a promessa de abertura da sociedade para ela mesma, com toda a mobilização em torno da Constituição de 1988, chancelou a consideração da multiplicidade cultural e da diversidade étnica como possibilidades reais de constituição da cultura, desdobrou-se nas eleições diretas para presidência da República, passou por percalços do impeachment do primeiro presidente eleito por voto direto, atravessou o governo que deu seguimento ao trauma do impedimento, abriu nova etapa de eleições com a vitória de Fernando Henrique Cardoso – o

intelectual paulista no poder - e culminou na vitória de um ex-operário, nordestino de origem e paulista na formação política e na expressão pública, à presidência da República. Tudo indicava que o país estava sintonizado e perfeitamente preparado para participar do banquete da civilização com suas próprias pernas – como apostavam e ansiavam os modernistas. A rotina da política e a miudeza do cotidiano contrariam muito, se a elas sucumbimos, as boas novas e os bons presságios vão sofrendo e se amesquinhando, confirmando as teses que dão razão aos irritados que tanto desagradavam o historiador norte-americano. O desprendimento para olhar no longo curso foi mais do que convicção, um exercício missionário da escrita de Morse. Nisso esteve acompanhado tanto de Gilberto Freyre quanto de Darcy Ribeiro. Talvez reagissem uníssonos na convicção de que a pequenez cotidiana não pode sacrificar a percepção e o reconhecimento da originalidade, riqueza e generosidade da cultura em movimento. Fazem parte da corrente dos que apostam nos processos de longo curso, e que olham o Brasil com a lente do otimismo fundado na própria maneira como esta sociedade foi engendrada. Desafiada pela mistura étnica, por uma forma particular como mesclou e incorporou hábitos de extrações muito distintas. No caso de Morse importou, sobretudo, o achado provocativo de Oswald de Andrade a respeito da maneira original como, antropofagicamente, a cultura brasileira absorve, sorve e devolve o que recebeu de fora alterando o formato de origem, e imprimindo ao recebido o tom de nosso próprio jeito de ser. Impressão tal que o recebido se transforma em brasileiro já distanciado de seu formato original.

Em comum a esses intérpretes o método de pensar o Brasil no longo curso informados, alimentados e absorvidos pela literatura. A narrativa sociológica de Gilberto Freyre, toda ela impregnada de literatura, a escrita de Darcy Ribeiro,

coloquial e erudita em forma livre de ensaio e o texto de Morse, pautado nos achados da poesia e dos escritos literários, conviveram com a produção acadêmica mais sistemática em movimento pendular, por vezes valorizados no que antecipariam de novas autorizações teórico-metodológicas que as teorias contemporâneas disponibilizam, por vezes, rechaçados pela falta de rigor e de sustentação empírica ou teórica. E como vêm da literatura e nela se embrenharam, dela retiraram a inclinação pelos movimentos do espírito, da alma inquieta e pacífica, revoltada e florescente, generosa e mesquinha, sentimental e racional no mesmo e único movimento. Talvez venham daí a compreensão e o otimismo. E a liberdade para falar de saudade, de emoção, de tristeza e de alimentação, de coqueterias e de preconceitos, enfim, dos movimentos dos sentidos impressos na intuição. Atitudes intelectuais que deixam saudade naqueles, como nós, inevitavelmente atingidos e prisioneiros do traçado e da argamassa do dia depois do outro. Voltar a Morse tem este sentido adicional: recuperar para nós mesmos o sentido possível de convivência humana em processo. Olhar o Brasil e a América Latina de um longe que nos aproxima de nós mesmos. Talvez seja esta a homenagem possível ao seu esforço intelectual e ao seu gosto pela vida.

